



O sionismo e o imperialismo assassinam o líder do Hezbollah.

Viva Hassan Nasrallah! Viva a resistência dos palestinos e de todos os povos! Derrotemos o sionismo e o imperialismo no mundo todo!

Manifesto PPRI



O sionismo genocida de Israel assassinou o líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah, com o mais intenso bombardeio no sul do Líbano em 18 anos. Ele tinha 64 anos e estava há 32 no comando da organização. Erguemos nossas vozes e nossos punhos para protestar contra seu assassinato! Hassan Nasrallah liderava uma corrente política e militar que expressava a resistência contra o imperialismo e o sionismo, e era apoiada por milhões de libaneses xiitas e demais oprimidos de toda a região. Diante do ataque do sionismo e imperialismo, estamos ao seu lado e ao da resistência armada contra os opressores, não importa as críticas e divergências que tenhamos quanto à sua política e seus métodos.

O sionismo, braço armado do imperialismo estadunidense no Oriente Médio, tenta há um ano eliminar o Hamas, a organização política e militar que foi eleita para governar a Faixa de Gaza pelos palestinos, expressa sua resistência e tem seu apoio para combater a opressão e o massacre realizado pelo Estado enclave de Israel. Doze meses de genocídio, 41 mil mortos, na maioria mulheres e crianças, não foram suficientes para derrotar a resistência palestina, e para impor o domínio total do sionismo e do imperialismo sobre a região e seus recursos. No mundo todo, Israel é considerado pelas massas oprimidas como um Estado pária, genocida, uma máquina de matar alimentada pelos Estados Unidos e pelos governos burgueses cúmplices dos assassinatos em massa – incluídos aí, tanto os extremo-direitistas, direitistas, como os autodenominados “de esquerda”.

Diante desse fracasso em toda linha do sionismo, ele e seu amo, os Estados Unidos, buscam expandir a guerra a toda a região, e também a outras partes do mundo. As potências imperialistas amargam o retrocesso geral de suas forças produtivas, especialmente nas duas últimas décadas, em que foram reduzidas à metade do espaço que antes ocupavam no mundo. A única saída para retomarem uma recomposição do retrocesso produtivo é a destruição em grande escala das forças produtivas mundiais, continuar na colonização de territórios e recursos, e o incremento da indústria bélica, que não depende das variações do comércio mundial, e pode arrastar para cima a cadeia produtiva desse setor, concentrado em grande medida nas potências imperialistas. Por isso, a política imperialista é a de impulsionar as guerras em toda parte e agravar a opressão social e nacional.

A China, principalmente, mas também a Rússia, se vêm beneficiando do retrocesso das forças produtivas dos países imperialistas e de assentarem suas economias na preponderância da propriedade nacionalizada (conquistada pelas revoluções proletárias). A China detém mais de um terço das forças produtivas mundiais, e já tem uma marinha militar maior que a dos EUA. A Rússia multiplicou por dez a renda per capita nos últimos dez anos, e provou a ineficácia

e adiar a morte do capitalismo e sua superação histórica pela transição ao socialismo.

Para as burocracias que governam China e Rússia, porém, o que interessa é a preservação imediata de sua fonte de poder e ganhos: a propriedade nacionalizada. Jamais estiveram interessadas em desenvolver a revolução socialista mundial. Por isso, desde sempre e até hoje, buscam acordos com o imperialismo que lhes permitam permanecer no poder. Com essa política, apesar de seus zigue-zagues, conduzem seus países para a contrarrevolução capitalista. A revolução política, que devolverá o poder político e econômico ao proletariado usurpado, é que permitirá retomar o caminho do avanço na transição ao socialismo e disporá dos recursos dos estados operários para ajudar à resistência e luta das massas oprimidas à sua autodeterminação. Isso será obra das massas chinesas e russas, e de mais ninguém.

Citamos as burocracias contrarrevolucionárias porque construíram relações de interdependência política, econômica e militar com países e organizações do Oriente Médio. Com tropas russas dentro da Síria, seria possível deslocá-las rapidamente para barrar o genocídio sobre os palestinos. Certamente, isso poderia abrir uma nova guerra com os EUA e demais países imperialistas, além da que se desenrola na Ucrânia. As ações e também os discursos dos governos da China e Rússia se colocam terminantemente contra a resposta bélica aos ataques promovidos pelos EUA e Israel, no mundo todo, e especialmente no Oriente Médio. Os recentes ataques de Israel ao Irã, à Síria, ao Líbano, em outros tempos, certamente já teriam desencadeado uma guerra aberta. Mas as pressões vindas especialmente da Rússia, mas também da China, desarmam a resposta militar, e abrem caminho a mais massacres. Evidenciam mais uma vez o caráter reacionário das burocracias contrarrevolucionárias, desta vez no cenário mundial.

Hassan Nasrallah Nasceu num bairro pobre de Beirute, e logo aos 15 anos já estava engajado na resistência contra o imperialismo e o sionismo. Foi expulso de seus estudos no Iraque, por ser xiita, aos 18 anos. No Irã, na década de 1980, conheceu o líder do Hezbollah, Abbas Musawi, que foi assassinado por um ataque israelense em 1992. A partir de então, Nasrallah ocupou seu lugar. Mas, desde 1982, participava da organização do grupo, criado para resistir à ocupação militar do sul do Líbano por Israel. Com apoio do Irã, expandiu o Hezbollah, tanto armando-o com milhares de mísseis, como realizando uma série de atividades assistenciais, que foram expandido seu apoio junto à população pobre. O mais forte ataque de Israel ao QG do Hezbollah o matou, apesar de sua prática de segurança, que evitava aparições públicas e se comunicava principalmente por vídeos. E não só ele foi assassinado, mas outras lideranças do Hezbollah que estavam no prédio. Bombas estadunidenses desenhadas para ataques a bunkers foram usadas – um buraco de 20 metros de profundidade foi aberto no local do ataque. A assinatura dos Estados Unidos está no assassinato de Hassan Nasrallah.

Não se deve restringir o ataque sionista e imperialista apenas ao Hezbollah. Foi um ataque ao povo do Líbano. Foi um ataque aos palestinos, que foram apoiados inclusive militarmente pelo Hezbollah. Foi um ataque ao conjunto das massas do Oriente Médio. Foi um ataque ao proletariado mundial, que luta como pode contra a burguesia mundial, o imperialismo.

Nenhuma disputa pode ser colocada acima da defesa dos palestinos e dos libaneses que estão sofrendo ataques genocidas neste exato momento. É tarefa do proletariado mundial derrotar o sionismo e o imperialismo em suas intenções de expandir a guerra, os massacres e destruição de forças produtivas, entre elas a força de trabalho, as pessoas, a gente. Estrangular Israel no mundo todo, exigindo dos governos, por meio da luta de classes, a ruptura total de relações de todo tipo com o Estado genocida. Qualquer relação mantida colabora e torna cúmplice todo e cada um dos governos que as preserva. Não importa se são um bilhão ou dez bilhões, vão ser usados no genocídio. Cada vida palestina importa. E é preciso erguer bem alto a bandeira da Palestina Livre do Rio ao Mar, com o conteúdo do fim do Estado genocida de Israel.

Se as massas mundiais avançam nessa direção, estarão dando passos para derrotar o sionismo e o imperialismo em toda parte, e se organizando para varrer com seus governos cúmplices do genocídio. Darão passos no sentido da revolução proletária, e abrirão o caminho para revolução socialista mundial, única via para acabar definitivamente com as guerras e toda forma de opressão.